

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.023

NARRATIVAS ORAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CASTAINHO AGRESTE PERNAMBUCANO NORDESTE DO BRASIL E SUAS INTERFACES NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

DENIZE TOMAZ DE AQUINO

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem; Doutorado Interinstitucional (Dinter)Universidade Católica (UNICAP)Universidade de Pernambuco-UPE denizeaquino@yahoo.com.br.
Linha de pesquisa : Processos de Organização Linguística e Identidade Social.

RESUMO

Trazer para o universo científico discussões sobre narrativas orais e, sobretudo, em comunidades tradicionais quilombolas, em diferentes enfoques, é trazer o centro e a borda, historicamente falando, num jogo dialético e provocante. Representa dar voz para esse ser tradicionalmente excluído da linguagem; é tentar ler o tempo e o espaço; é a exposição da vida como obra de arte, visto que o território quilombola é o local onde as ações sociais e culturais são representadas nas práticas sociais, bem como a tradição oral é a fonte histórica mais íntima para a constituição da identidade. Assim, a pesquisa objetiva compreender as narrativas dos mais velhos enquanto fonte de saberes e conhecimentos e identificar as recorrentes formas simbólicas que emergem dessas narrativas, como são percebidas, entendidas, pela comunidade quilombola. Tem como questão norteadora: de que forma essas narrativas contribuem para estabelecer a constituição identitária desses povos tradicionais? O percurso teórico metodológico do estudo tem natureza qualitativa e abordagem sócio-histórica pautada na análise crítica do discurso, cujo *lócus* está representado pela comunidade quilombola Castainho, no município de Garanhuns, agreste pernambucano no nordeste do Brasil. Os resultados apontam que é preciso reconhecer e dar visibilidade às narrativas orais como saberes que são produzidos no seio dessas comunidades tradicionais e combater todas as formas de injustiças praticadas contra esses povos.

Palavras-chave: Narrativas orais, Comunidade quilombola Castainho Constituição da identidade.

INTRODUÇÃO

Ninguém ousaria negar a importância das narrativas orais para a memória de um povo e constituição da identidade e, sobretudo, de povos tradicionais desde os tempos mais remotos, já que a nossa cultura brasileira, miscigenada, delas se impregna por incontáveis saberes repassados de pais para filhos, de avós para netos, por meio da oralidade, mitos, cantos, histórias dos ancestrais, rezas cantigas, contos, entre outros.

Falar de quilombolas nesse território brasileiro miscigenado pressupõe também falar de um modelo escravocrata no espaço-tempo do século XVI ao XIX de uma estrutura socioeconômica formada à luz do interesse europeu. Nesse espaço-tempo construiu-se uma infinidade de representações sociais, a noção de “eugenia”, “raça” e “superioridade racial” produzidas no tecido social, as quais estão consubstanciadas nos discursos na sociedade atual.

O diálogo com Grosfoguel (2007) e Mignolo (2008) permite compreender a formação histórica desses povos Capitanada pela Espanha e Portugal, a colonização e a dominação do sistema do mundo colonial que têm significados de interesses e o que sustentam as matrizes das relações sociais de poder envoltos de discriminação, exclusão e silenciamento das comunidades tradicionais em detrimento de um eurocentrismo.

Esses significados são alimentados nas práticas discursivas de quem detém o poder e realimentados pela sociedade elitista branca contra o povo negro e que, ainda estão presentes nas narrativas dessas comunidades, quando retratam toda a barbárie a qual foram submetidas.

De acordo com Bollnow (1974), a produção e atualização do conhecimento no que condiz com a história, é o resultado da ação em que os homens, ao longo de sua existência, se transformam em sujeitos capazes de fazer reflexões, desvelar, ressignificar e socializar os saberes produzidos por meio da sua relação com os outros e com o mundo a que pertencem, alguém que interpela e interage com tudo aquilo que acontece com ele e com as pessoas e o ambiente em sua volta.

Diante do cenário plural em que estamos inseridos, num contexto marcadamente multicultural, advindo da contribuição do continente africano, o presente artigo traz para discussão a tradição oral, a memória vivencial e dialógica contadora de histórias-tesouro vivo-que são transmitidas de boca a ouvido em uma linguagem

de fácil assimilação, de geração a geração na comunidade quilombola Castainho no município de Garanhuns, agreste pernambucano no nordeste do Brasil.

Esse município congrega, em sua cartografia geográfica, seis comunidades quilombolas, por ordem de distância da sede, Castainho, Estivas, Tigre, Timbó, Estrela e Caloete, a partir do limite urbano/rural, demarcado pela Cohab II. A comunidade mais próxima da sede, fica a cerca de 8km, representada pela comunidade Castainho; e a mais distante é a comunidade Timbó, cerca de 34km da sede.

O território quilombola é o local onde as ações sociais e culturais herdadas dos antepassados de vários territórios da África são representadas nas práticas sociais existentes, onde os laços de parentesco, amizade, compadrio e relações afetivas informais marcam a vida social e consolidam o processo de resistência e permanência com o lugar.

Entendidos pela literatura como grupos étnicos, descendentes e remanescentes de escravizados, os quilombolas situados na comunidade Castainho são constituídos predominantemente pela população negra, residente no sítio que recebe o mesmo nome, na área rural do referido município, os quais se auto definem como de origem Palmares a partir das relações com a terra, do parentesco, do território, da ancestralidade, das tradições e práticas culturais próprias.

Esses povos de matriz africana, permeados de subjetividades e significações, têm se caracterizado por uma resistência cada vez maior por diferentes formas de violência resultado das lutas históricas organizadas que vêm denunciando injustiças e reivindicando suas identidades culturais marcadas pela negação física ou simbólica no sentido de promover, não apenas resgates de saberes, mas relações de resistência, territorialidade, laços de parentesco além de confrontar a discriminação e o racismo.

Nessa trajetória de resistência na Região de Garanhuns, Castainho representa a única Comunidade que detém o título de domínio das terras como Remanescentes de Quilombos, reconhecido oficialmente pelo governo federal, concedido pelo Ministério da Cultura, emitido na época através da Fundação Cultural Palmares; em 2020, receberam o primeiro título de posse coletiva dado pelo governo do Estado de Pernambuco.

Segundo O'Dwyer (2002), esses vínculos com o lugar, a representação espacial, suas formas de organização social presentes no cotidiano, o lugar das suas histórias de vida, como prática social por meio de narrativas orais, como formas de pertencimento, indica processos históricos e sociais característicos desses

remanescentes quilombolas, cuja identidade entrelaça o sujeito ao contexto no qual está inserido.

Esse elo de pertencimento com o território na perspectiva de resistência e formação identitária revela a organização social dessa comunidade no âmbito da identidade quilombola; essa territorialidade representa a espacialidade, a memória e as histórias de vidas de seus antepassados.

Diante do exposto, é preciso reconhecer a visibilidade das narrativas orais como saberes, dizer o mundo a partir da experiência, uma experiência acumulada através dos séculos, que são produzidos no seio das comunidades tradicionais e combater todas as formas de injustiças praticadas contra esse povo na busca incessante de respeitabilidade inclusão dos seus valores e formas de ver o mundo.

Assim, nessa linha de pensamento, o artigo objetiva compreender as narrativas dos mais velhos enquanto fonte de saberes e conhecimentos e identificar as recorrentes formas simbólicas que emergem dessas narrativas, como são percebidas, entendidas, pela comunidade quilombola.

As leituras dos escritos de Carril (2009) apontam que as expressões quilombolas na sociedade brasileira desvelam a condição de um grupo antigo, uma ancestralidade que lhe confere um modo de vida fundado no compartilhamento coletivo da terra herdada de seus antepassados.

Cada família possui uma faixa de terra, condição que evidencia a participação de cada membro na comunidade, a maneira pela qual são identificados como família quilombola que, para a maioria da sociedade que os cerca, são indivíduos diferenciados, principalmente pela cor da pele, em uma condição de subalternizados.

Daí a importância dessas narrativas para essas comunidades tradicionais, já que muitas delas são construídas nessas singularidades e só são possíveis de serem compartilhadas por meio da memória. É aquele lugar de fala em que temos de nos expressar nesse infinito da linguagem, cujo vazio se entrega sem limitações, o que só acaba quando nos calamos.

De acordo com o que discutem Lima e Costa (2015), nas sociedades tradicionais de matrizes africanas, as narrativas são também percebidas como aquelas que são unidas por laços de convivência e coletividade. Os indivíduos adotam a terra como centralidade de suas lutas, históricas em decorrência do processo de exclusão, marginalidade e preconceito.

As narrativas orais prestam-se, também a validar que esses saberes se dão na corporalidade dos sujeitos, pois se trata de saberes incorporados historicamente.

Desse modo, a preservação dos saberes desses povos ancestrais passa, sobretudo, pela atitude de compreender a finitude do homem em seus conhecimentos e a preservação das pessoas, dos modos de vida e dos saberes construídos coletivamente.

As narrativas trazem à tona a oralidade e a necessidade da articulação do falar, têm em si as memórias, fontes históricas agregadas aos saberes e experiências que carregam consigo sua cultura como valorização e constituição da sua identidade. É por essa razão que partimos do entendimento de que não é possível pensar a questão da construção da identidade sem a presença do Outro.

Nessa relação do Eu com o Outro o narrador busca o desejo de ser escutado na expectativa de ser ouvido pelo Outro. É viver e reviver essa memória que muitas vezes estavam guardadas.

Desse modo, o narrar reflete estar no espaço simbólico e o modo de se relacionar com ele, por meio das experiências vividas em diferentes tempos numa relação dinâmica da vida, de forma artesanal, atribuindo-lhe sentido, como se quisesse parar o tempo, no qual as experiências são a matéria-prima redimensionada.

Assim, a oralidade nas comunidades quilombolas sempre desempenhou importante função na transmissão de saberes históricos que trazem consigo a força da ancestralidade; a função de contar histórias sempre cabe aos mais antigos, o "Griô" - figura masculina -, pessoa mais velha guardiã do saber tradicional, memória viva da comunidade, que expressa seus saberes em sua dimensão histórica que, por meio da sua própria experiência de vida, gera interpretações dos acontecimentos vivenciados no tempo e no espaço.

De acordo com Zumthor (2010), esses conhecimentos históricos, como via de informação, preservam a manutenção do laço social, sustentando e nutrindo o imaginário de uma sociedade, divulgando e confirmando os mitos em que se acredita.

Tais relatos dos mais velhos, depositários e criadores da memória que são repassados para os jovens pela transmissão dos mais diversos ensinamentos nos instigam a uma indagação fundante: de que forma essas narrativas concorrem para estabelecer a constituição identitária desses povos tradicionais?

A partir desse questionamento, trazer para o universo científico discussões sobre narrativas orais, e, sobretudo, em comunidades tradicionais quilombolas, em diferentes enfoques, e suas interfaces na constituição da identidade é trazer o centro e a borda, historicamente falando, num jogo dialético e provocante.

O centro, pela efervescência de evocar, para a discussão, questões pertinentes e seculares que rompem com as diversas configurações sociais que se

apresentam em distintos pontos no tempo e no espaço; e a borda, no sentido de compreender os diferentes momentos históricos que foram sendo tecidos e contribuíram para o silenciamento desses povos.

Mergulhar nas narrativas e memórias de comunidade quilombola significa dar voz para uma parcela da população historicamente excluída da sociedade, ao narrar suas histórias e memórias. É tentar ler o tempo e o espaço do que foi vivido e de acordo com Foucault (2015 a), é a exposição da vida como obra de arte por meio da palavra e, portanto, perpetuar a obra.

Dito isto, as narrativas orais prestam-se, também, a validar que esses saberes se dão na corporalidade dos sujeitos, do fascínio do vivido com elevado potencial dos saberes do passado, pois se trata de saberes incorporados com determinado sentido historicamente.

Desse modo, a preservação dos saberes desses povos ancestrais possibilita, sobretudo, compreender a finitude do homem em seus conhecimentos e a preservação das pessoas, dos modos de vida e dos saberes construídos coletivamente.

Os inúmeros narradores representam a fonte de história viva, movidos pelas experiências que acompanham. É uma viagem no tempo, de modo que o saber do passado adquire a função de encantar, divertir, entreter e cultivar valores. Segundo Benjamim, "A memória é a mais épica de todas as faculdades". (BENJAMIM, 2012, p. 210).

De acordo com Benjamim (2012), narrativa não traz conclusão nem explicação surge em histórias cheias de memórias numa teia complexa onde as experiências são narradas e essa constituição da memória está atrelada à construção da identidade. como experiência humana tanto para quem conta como para quem as ouve

Esse filtro afetivo por meio do qual são contadas as histórias espontâneas faz com que se desvelem a cultura, as crenças, os valores das histórias de vida no tempo e no espaço, lembranças enquanto narradores recriando os eventos passados como uma construção social.

Assim, estabelece-se um processo contínuo de ouvir/ler/ver, atribuir significado, incorporar, gerar textos que são ouvidos/lidos/vistos pelo outro, que atribui a eles significados e os incorpora, gerando textos que são ouvidos/lidos/vistos. É nessas narrativas que tempo-espaço e interação social se misturam nessa trama.

Cada época se mostra como enriquecimento a partir das obras do passado, o quê, muitas vezes, não foi percebido no momento histórico anterior. Para Bakhtin

(2011), o discurso como acontecimento deve levar em conta o contexto sócio-histórico em que se encontram as linguagens estabelecidas.

Assim, a partir dos materiais encontrados e da articulação entre as diversas referências no construto deste artigo, busca-se apresentar teorias no âmbito dessa temática no entendimento de que as narrativas se constroem socialmente e refletem o seu contexto.

Trata-se de relações sociais armazenadas na linguagem discursiva como tesouros na mente de quem nos conta suas histórias, as quais produzem sentido para o vivido em um entrelaçamento de simbologias de sentimentos e memórias de si narradas para o outro.

Os resultados apontam que, para essa comunidade tradicional, narrar reflete estar no mundo e o modo de se relacionar com ele, sendo manifestação dinâmica da vida, de forma artesanal, na qual as experiências configuram-se como matéria prima ressignificada, já que, na ação de narrar, os falantes mobilizam suas histórias e constroem seus próprios discursos testemunhando sobre a sua realidade, reinventando-a contextualizando-as.

O percurso teórico-metodológico do estudo tem natureza qualitativa e abordagem sócio-histórica ancorada na análise bibliográfica, com o intuito de analisar a visão de alguns autores sobre o tema. No caminhar do observatório do espaço geográfico da pesquisa, foi possível ouvir e perceber as narrativas nas comunidades quilombolas, o que motivou reflexões para a escolha do tema.

Trata-se, portanto, de trazer discussões sobre essa temática, a qual constitui uma questão persistente, recorrente, que é a busca por autonomia e visibilidade, tendo na atualidade importante dimensão política e, conseqüentemente, diferentes produções científicas em processo de construção, mas que carecem ainda de muita atenção. Acreditamos, portanto, que este trabalho pode oferecer importantes contribuições para a compreensão desse tema, somando-se a outros estudos correlatos.

METODOLOGIA

Parafraseando Shor & Freire (2001), o medo e a ousadia, com a coragem e exercício de conquista das ciências humanas na prática interdisciplinar, além da busca por teorias e métodos de análise diferentes em um processo de produção de

conhecimento, sedimentaram a escolha do tema, que se deu em função da problemática e da pertinência que envolvem as questões quilombolas.

O percurso teórico metodológico tem natureza qualitativa. Consoante Minayo(2014), a abordagem na perspectiva qualitativa representa um recurso por excelência na investigação social e em estudos de grupos. Tem características particulares por ser mais intuitiva, com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos.

Consoante Flick a pesquisa qualitativa apresenta uma seriedade quanto ao "contexto e os casos para entender uma questão de estudo" (FLICK , 2009,p.9). Argumenta o autor citado que trabalhos expressivos estão baseados em "estudos de caso ou em séries desses estudos, e, com frequência, o caso (sua história e complexidade) é importante para entender o que está sendo estudado".

Ademais, a pesquisa qualitativa estrutura-se na incorporação das experiências dos sujeitos da pesquisa. Assim, a instigação veio também do ouvir e perceber as narrativas quilombolas enquanto professora do estágio supervisionado, visitando e observando as escolas da comunidade envolvida pela força das palavras.

No decorrer dessas vivências, ouvi vários enunciados e inúmeras histórias e expressões de múltiplos conhecimentos e da resistência da memória o que permitiu compreender como essas pessoas pensam suas subjetividades.

Nesse sentido revisitando Bakhtin (2011), temos que o processo interacional se dá em uma relação dialógica, por meio da qual os sujeitos envolvidos constituem-se como tal, para si e para o outro, diante de si e diante do outro.

Foram inesgotáveis os momentos as descobertas a partir dos estudos teóricos das experiências e afinidades em preciosos momentos, os quais me ajudaram a compreender uma comunidade quilombola e tornaram-se basilares para a construção deste artigo.

Em seus escritos, Bakhtin (2011) atenta ao fato de que o homem é constituído observando o lugar e o tempo em que as obras são criadas. Desde a natureza até as regras e ideias humanas, cada concepção de tempo traz em si uma concepção de homem, de ver e ler o tempo no todo espacial do mundo não de forma acabada, mas um todo em formação.

Conforme Lüdke e André (2013), a observação, quando usada como uma estratégia principal, amplia a visão do pesquisador, por possibilitar a experiência direta na ocorrência de um determinado fenômeno.

Para Larossa “A experiência é sempre do singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão.” (LAROSSA 2015,p. 68).

Assim, movida pelo olhar da pesquisa, foram sendo delineados os objetivos propostos, norteados por questionamentos para a construção deste artigo, em que se buscou primeiramente ancoragem, na literatura por pesquisadores que se debruçaram nessa linha de pensamento, e em diálogos com autores que vislumbraram a discussão do tema proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pertinência de trazer o pensamento reflexivo sobre as narrativas orais quilombolas como saberes históricos, de resistência, como prática social, evidencia a transmissão da história local, dos saberes e tradições, contados pelos não letrados, o que é acionado, diariamente, nas situações cotidianas de transmissão de conhecimento.

Os estudos dos autores referendados trouxeram discussões basilares para a construção do presente artigo que, de acordo com Foucault (2015b), é a infinitude da linguagem, cujo sujeito da fala não se entrega à gramática, mas é uma passagem para fora, a linguagem escapando ao modo de ser do discurso, indo além de si.

O sujeito da literatura é, conseqüentemente, aquele que fala nela e aquele sobre o qual ela fala. O ser da linguagem, o pensamento no exterior, o potencial da literatura aponta para esse exterior e para onde essa linguagem vai. É, por assim dizer, o infinito livre e sem amarras.

Falar, escrever é avançar contra a morte, bem como não deixar que a linguagem tenha fim, fazer com que ela passe a se reiniciar. Além disso, a linguagem é ativa, tem um desdobramento infinito, guarda para o futuro a memória do que existiu; por conseguinte, traduz-se em infinito.

Essa infinitude está representada na figura do “Griô” o mais velho da comunidade ou a “Griote” representação feminina. Nesse sentido, faz-se necessário o reconhecimento de sua identidade e que sejam contemplados seus saberes por meio das narrativas orais que se dão nos diferentes locais da comunidade, seja na casa de farinha, seja nas rodas de conversas no final da tarde no “terreiro” das casas desses ancestrais. O “terreiro” aqui definido como espaço de terra, amplo da

casa, ao ar livre onde concentra as rodas de conversas, celebrações populares entre outros (grifo da autora).

Os estudos de Lima e Costa (2014) afirmam que, na pedagogia Griô, não há nada escrito, é tudo na oralidade; ressalta a importância da presença de “Griôs Contemporâneos”, para o resgate da tradição oral da contação de histórias, como forma de valorizar e perpetuar as tradições, os valores e a luta para garantia da sua territorialidade e identidade, bem como preservar importante parte da nossa história.

De acordo com Hall (2014), as identidades são construídas dentro e não fora do discurso e precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas. dos seus valores contribui para alimentar sentimentos de pertencimento com o lugar que ocupamos no mundo social e cultural.

Essas trocas que estimulam a criação, a vida coletiva e o próprio existir repassadas para os mais jovens, chegam pela tradição oral, no ato da fala e da escuta, no papel da construção do conhecimento e da identidade sociocultural na figura do “Griô”, contadas pelos mais velhos durante os momentos de lazer e reuniões na comunidade fundamentam uma reconstituição de uma histórica e memória.

O recurso do narrador de acordo com Benjamim (2012) é a experiência do vivido com a expressão da voz dos gestos da arte de dar conselhos como se fosse um artesão e a narrativa como seu produto “{...} Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz ténue de sua narração consumir completamente a mexa da sua vida {...}”. (BENJAMIM, 2012, p.221).

Assim, a identidade coletiva não vai ancorar-se na cor da pele e sim nos laços com a cultura afro através da memória e nas relações sociais, assim como no direito de ser diferente estabelecido nesses diálogos.

A memória nesse contexto assume um papel fundamental de resistência e constituição da identidade, podendo abranger dimensões de aspectos sociais e culturais, contestando a condição de coadjuvante das comunidades negras e, sobretudo, a memória pode ser pensada como um elemento capaz de dar visibilidade para a coletividade.

Por vezes, essas recordações trazidas na memória são lembranças também do ouvir dos outros na tentativa de se fazer reconhecido e da pertença diante de si

e diante do outro e que seja uma história digna de ser contada. Assim a memória é o protótipo temporal de toda a narração.

De acordo com Hampaté Bâ (2010) o que faz a tradição oral ainda não se perder ao longo dos séculos, é que a palavra falada é um testemunho e de um valor moral, vinculando-se a sua origem divina, aos seus ancestrais, isso faz com que a narrativa tenha uma função reparadora da humanidade, integrando as pessoas.

Nessa relação narrador é o que escuta. Nesse momento em que a narrativa avança na busca de se fazer legítima, é que a palavra falada é um testemunho e de um valor moral, vinculando-se a sua origem divina, aos seus ancestrais, consequentemente não pode ser usada sem prudência, mas com fidelidade.

Essa escuta atenta nas narrativas dos idosos, o lugar da fala na reconstrução do tempo histórico, e construção do conhecimento e da identidade sociocultural, funcionam como um mecanismo de transmissão dos valores, saberes dos mitos, de tornar visível sua herança histórica e cultural, sendo compartilhados com os demais membros do grupo social.

Para Meithy & Seawright (2021), essa técnica de recomposição do passado por meio da tradição oral pode revelar, além das estruturas e comportamentos do grupo, as noções de passado e presente daquela cultura de temporalidade própria.

Os estudos apontam essa infinitude de saberes nessas narrativas orais. Dito isto, os estudos de Walter Benjamin, nos auxilia a compreender a narrativa enquanto experiência, ou enquanto luta contra o empobrecimento desta pelas atividades implementadas pelas imposições do marco industrial capitalista. Assim, "contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas" (BENJAMIM, 2012, p. 205). Assim, podemos considerar que o ato de narrar constitui o elo da história renovada que traz consigo o presente o passado e o futuro.

Conforme o referido autor, as histórias se perdem, porque ninguém mais fia ou tece enquanto as ouve; a experiência que passa de pessoa a pessoa de forma artesanal é a fonte a que recorreram todos os narradores e, nesse sentido não podemos deixar de reconhecer a valorização das comunidades que possuem a oralidade como elemento de sustentação da sua identidade, memória e da sua história.

A oralidade reivindica, dessarte, o processo de desvelamento da colonialidade do saber e do ser e clama pelo lugar das vozes contra a morte, das cores e dos modos de existir em todos os espaços que, na prática, privilegiaram as elites.

Deve-se lembrar que, ao longo do tempo, essas elites negligenciaram as histórias de determinados grupos sociais, os quais tiveram suas narrativas silenciadas.

Essa oralidade como prática social, do imaginário com o mundo atual, é, para a comunidade quilombola estudada, transmissão da história local, dos saberes e das tradições, como modo de resistência e de afirmação de identidade dos sujeitos como produtores de saberes significativos para o seu grupo social. Constitui expressão verbal inerente ao humano e presente em todas as civilizações de modo a garantir a preservação e a memória.

Assim, as palavras nunca estão sozinhas em um discurso, elas estão carregadas de sentidos atrelados a outros discursos constituídos e transformados. Essa voz é capaz de seduzir os que a ouvem, com a promessa de um canto futuro, que glorifique o passado.

Essas tradições orais são, por isso, fundamentais para a manutenção e movência dos costumes e servem de alicerce para a constituição da história dessas comunidades. Estão na construção da memória, em sua superposição de tempos e espaços presentes e míticos sobre as múltiplas possibilidades da memória, pondo em causa o medo do esquecimento.

A manutenção dessas histórias vivas fortalece os laços sociais, faz perceber essa pluralidade existente no Brasil. Para Bondía (2000), "as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos" (BONDIA, 2000,p. 21).

Na perspectiva de Bakhtin (2000), a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou de vivências que trazemos. Nesse sentido, não falamos e ouvimos apenas, pois as palavras refletem o que somos, o grupo do qual fazemos parte e o sentido que damos às coisas.

A narrativa oral traz consigo, ainda, a performance de quem narra, ou seja, palavra e corpo estão enraizados na história, seja no tom da voz, do gesto e do semblante. A encenação representa a riqueza da narrativa oral, na qual percebemos a mão e a voz, além do local daquele que sempre chega para escutar.

No ato da fala e da escuta, os sujeitos, representando-se, tornam-se o sujeito do discurso em sua especificidade humana que fala, nas inter-relações, ampliando seu repertório de imagens, de experiências comunicáveis e fazendo conexões entre os tempos, pois as narrativas situam-se entre o vivido, a memória e o narrado.

O narrado relaciona-se com a experiência de vida do narrador, as leituras que ele faz do mundo e as expectativas do ouvinte. Conforme os estudos de Foucault (2015a), aqui se faz clara a referência ao conceito do espelho frente ao outro – narrador e leitor-espectador-ouvinte – como uma capacidade de ressurgir, reinventar e não morrer.

Em Bakhtin (2011), a fala constitui lugar privilegiado à enunciação como realidade da linguagem, como interação social. Assim, a fala constitui lugar privilegiado à enunciação enquanto realidade da linguagem como interação social; não há uma neutralidade na circulação de vozes. Ao contrário, ela tem dimensão política. As vozes não circulam fora do exercício do poder.

Para Brandão (2012), a linguagem é a instância em que emergem mundo e homem ao mesmo tempo. Enquanto discurso é interação, e um modo de produção social ela não é neutra, inocente na medida em que está engajada em uma intencionalidade. Muitas vezes a narrativa oral possibilita uma realidade improvável por estar contida na experiência vivida no tempo e espaço do narrador e não mais nos tempos atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que forma essas narrativas contribuem para estabelecer a constituição identitária desses povos tradicionais? Essa foi a pergunta norteadora que provocou a conversa com os autores referendados na produção das análises deste artigo.

As discussões aqui trazidas empreenderam a discussão a construção da intencionalidade das repostas apresentadas. Buscou-se dialogar com teorias de outras áreas de saberes, o que representa um presente nos dias atuais, uma vez que provoca reflexões sobre o papel da tradição oral como um importante recurso de preservação e de transmissão das heranças identitárias, de povos tradicionais na concepção do homem, do seu lugar no contexto local e global.

As questões que tratam de povos tradicionais quilombolas constituem temas bastante discutidos em diferentes setores da sociedade na atualidade, dos partidos políticos aos movimentos sociais, mas ainda temos muito que caminhar para que as narrativas desses povos no processo da constituição da identidade e perpetuação dos laços ancestrais sejam respeitadas em todos os espaços.

Precisamos caminhar com políticas públicas direcionadas à afirmação de direitos desses povos no sentido da valorização dos saberes dos representantes

dessas comunidades bem como das formas simbólicas que emergem dessas narrativas, como são percebidas, entendidas, pela comunidade quilombola.

Assim, trazer para discussão narrativas de memórias de resistência de comunidades quilombolas, é exteriorizar esses saberes e a produção de conhecimento. Representa também constituição da identidade, é uma linguagem ao infinito não mais para a interiorização, mas para a exteriorização, para a fratura, para o fora.

O infinito com o potencial de instaurar novas formas de pensar e conceber o mundo nos possibilitará transgredir os limites da égide normativa tradicional, colocando-nos numa terceira via para além das fronteiras dicotômicas e classificatórias.

Faz-se necessário desconstruir o imaginário brasileiro, constituído historicamente para a não valorização dos saberes históricos desses povos de matriz africana, que muitas vezes reproduzem situações passíveis de discriminação a qual está cristalizada no que se refere às comunidades quilombolas.

Narrar não significa repetir em palavras uma história pronta e acabada, de forma mecânica. As narrativas conduzidas de forma livre fazem compreender sua temporalidade, bem como o seu sentido, graças à repetição dos acontecimentos que conectam presente com o passado como fonte de informação para a construção do saber histórico em uma tensão das duas forças.

Os pensamentos de cunho racista e patriarcal são elementos que não mudaram ao longo de séculos de colonização no Brasil. A matriz colonial do poder permanece até os dias atuais e é preciso emancipar as ideias, (re)significar as práticas e diferenças e contribuir para o combate de toda forma de preconceito e construir caminhos para ressignifica-se, no sentido de desconstrução das ideias do colonizador branco que o classificaram como pertencente à raça superior e estigmatizaram o negro colonizado como raça inferior.

Tais reflexões apontam que é preciso romper com essa visão excludente no tocante às narrativas de comunidades tradicionais quilombolas. Ainda hoje, na sociedade brasileira, percebe-se a hegemonia de uma cultura ocidental referendada pelas elites brancas, que procuram invisibilizar os saberes e fazeres, de culturas "diferentes", que não seguem o padrão hegemônico, hierarquizados e de poder.

Diante o exposto, faz-se necessário a desconstrução dos conceitos colonialistas historicizados e é preciso trazer para a discussão as reivindicações dessas comunidades, o reconhecimento de sua identidade e que sejam contemplados seus saberes por meio das narrativas orais.

Por fim, a análise empreendida neste artigo possibilitou perceber que as narrativas orais como produto de interação humana carregam em si discursos específicos da cultura dessa comunidade representa garantir voz e representação frente a discursos homogeneizados. Assim, propomos a somar aos inúmeros estudos existentes no âmbito da temática por entender que as narrativas orais não dizem apenas sobre as memórias das pessoas ouvidas, elas dizem muito a respeito da maneira como pensam, agem e vivem tornando-os visíveis e intercambiáveis como sujeitos.

REFERÊNCIAS

BÂ, A Hampaté. A tradição viva. *In: História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. Editor, 2 ed Brasília: UNESCO, p. 166-212, 2010.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes 20, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:*

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. I).

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação**, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, jan/abril, n, 19. p. 20-28, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **Pedagogia e Filosofia da Existência**: um ensaio sobre formas instáveis da educação. 2. ed. Petrópolis, RJ:Vozes,1974.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine Brandão. **Introdução à análise do discurso**. 6. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicampi, 2012.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia**: a longa busca da cidadania. SP: Annablume: FAPESP, 2009.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009. (coleção pesquisa qualitativa/ coordenada por Uwe Flick).

FOUCAULT, Michel. A linguagem ao infinito. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 4. ed. Forense Universitária, 2015^a, p. 48-60.

FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 4.ed. Forense Universitária 2015b, p. 223-246.

GROSGUÉL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo :SP, Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência, , ano 2, v.59, abr./jun. 2007.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós modernidade**.12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção: Experiência e Sentido).

LIMA, Mestre Alcides de; COSTA, Ana Carolina Francischette da. Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. Dossiês Pedagogia Griô. **Revista Diversitas**, São Paulo :SP, ano 2, n. 3. set. 2014/mar. 2015.p. 229-237.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU,2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativa**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MIGNOLO, Walter. Novas Reflexões sobre a “Ideia da América Latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, Mai/Ago. 2008.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org.) **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia** : o cotidiano do professor, São Paulo: Paz e Terra, 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pirees Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo horizonte: Editora UFMG, 2010.